

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos

Premiada com a medalha de prata na Exposição Industrial do Porto em 1897

IMPRESSA À CUSTA DO ESTADO

A importancia total da venda d'esta publicação reverte a favor das «Officinas Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide

<p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR BRANCO RODRIGUES</p>	<p>PREÇO DO VOLUME Por anno—12 numeros 500 réis</p>
---	---	---

CEGOS... TALVEZ PELO TRABALHO

Do illustre professor e nosso presadissimo amigo, Damasceno Nunes, recebemos este interessantissimo artigo, ao qual damos o logar de honra:

Meu caro amigo:—A carta, que, ultimamente, lhe enviei, com a epigraphe *Tres cegos illustres*, destinada ao seu *Jornal* e, mui amavelmente, publicada na *Vanguarda*, despertou-me a idéa de recordar outros personagens portuguezes, que, embora não fossem privados da vista, de nascimento ou de tenros annos, como Balthasar Dias, José de Sousa e Feliciano de Castilho, experimentaram essa tremenda desventura, motivada, muito provavelmente, pela sua muita dedicação ao trabalho, por um zêlo tenaz ou por um fanatismo sublime pela realisação escrupulosissima de suas empresas litterarias, entregando-se, sem treguas, a estudos que, pela sua indole de investigação minuciosa, obrigavam a uma leitura incessante, em que a vista, fatalmente, se deveria atrophiar.

Lembrar esses vultos, cuja benemerencia tanto os nobilita, e consagrar-lhes umas brevissimas palavras de apreço, afigura-se-me não só um acto de justiça, como um dever de gratidão.

Oxalá que, em vez de se esgotar a cornucopia dos elogios em honra de mediocridades enfatuadas ou de empresas banaes e até nocivas, se dirigissem as atenções para aquelles que, conscienciosamente, trabalham, e que teem, portanto, direito á estima e reconhecimento da posteridade.

Fallemos, pois, de **Antonio Ribeiro dos Santos**, de **Agostinho José da Costa de Macedo** e de **Camillo Castello Branco**.

Perderam, os tres, a vista depois de longos annos de lucubrações litterarias; sacrificaram-se pela sua causa e foram buscar, nas trevas da cegueira, o triste epilogo da sua carreira de homens de letras. Cegos, sem duvida, mais dignos de lastima que os de berço, porque, para avaliar precisamente a falta de um bem, é necessario te-lo possuido, só uma resignação heroica ou uma fê inabalavel lhes poderá dar coragem para a vida, desviando-os do caminho do desespero, que tão directamente conduz ao suicidio, a essa fatal infracção dos mais nobres principios, dos mais santos deveres.

Antonio Ribeiro dos Santos, o celebre *Elpino Duriense*, academico de merito, e classico de fina tempera, foi indiscutivelmente, pelas suas poderosas faculdades e aptidões para o estudo, um dos homens mais doutos e prestantes do seculo passado.

Em uma serie de escriptos, em que evidenciou uma actividade pouco vulgar, ora nos leva ao idealismo da poesia, ora nos conduz á positividade da sciencia.

Sempre correcto e atilado, com a mesma mestria com que nos traça uma ode ou uma epistola, nos inicia nos problemas da philologia, nos dominios da historia, nos mysterios da lingua do Lacio ou na pureza do estylo horaciano.

Entre as suas obras, figuram as *Memorias* sobre as origens da typographia em Portugal e os excellentes estudos com respeito á litteratura sagrada dos judeus; são trabalhos que, pela particularidade da indagação e pela altura da critica, merecem a consulta dos estudiosos.

Agostinho José da Costa de Macedo, professor de philosophia, espirito bastante culto, mui versado, especialmente, em materia de linguagem, vinculou o seu nome ao *Diccionario* da Academia Real das Sciencias, sendo um dos seus infatigaveis auctores.

Em 1793, publicou-se o primeiro e, até hoje, unico volume d'este importante monumento de lexicologia.

Em varias epochas, tem a Academia procurado continuar e concluir o seu Diccionario, submittendo-o aos cuidados de alguns dos seus membros mais illustres, mas, infelizmente, nada se tem publicado e a lingua patria continúa luctando com a lamentavel falta de um diccionario official, em que se liquidem, por fôrma auctorisada e de confiança, as suas mais delicadas questões.

Fecha esta trindade litteraria, de singular feição, o suicida de S. Miguel de Seide, **Camillo Castello Branco**, cujo espirito, do mais fino quilate, não pôde resistir aos embates da desdita, à implacavel cegueira, que o arrancou aos seus trabalhos predilectos e lhe quebrou, na mão destra e firme, essa penna diamantina que lhe grangeou a immortalidade.

Conhecedor profundo da lingua portugueza, poliu-a, aperfeiçoou-a em trabalhos de robusta intelligencia e grande copia de conhecimentos.

A sua individualidade litteraria revelou-se na poesia, no drama, na bibliographia e, muito especialmente, no romance e na critica.

Dispondo de uma extraordinaria fertilidade de imaginação, Camillo, procurando assumpto, tanto no acontecimento de molde, como no mais leve incidente, no simples pormenor da vida social, concebe e organisa os seus romances com extrema facilidade. Todavia, sentindo-se da sua índole irrequieta, do seu genio indomavel, da sua existencia agitada e profundamente amarga, o auctor da *Corja* e do *Eusebio Macario* não possui a feição romantica de Julio Diniz, que, estudando a sociedade, calma e placidamente, nos offerece, em suas encantadoras narrativas, quadros suaves e mimosos, passagens que deleitam, situações que não perturbam a alma.

Camillo Castello Branco, illustrado por uma leitura paciente e variada, por um estudo serio e constante e por uma analyse severa, preparou-se para entrar em questões variadissimas, sabendo-as apreciar em todos os seus aspectos com um criterio inexcedivel; n'estas circumstancias, era, em polemica, um temivel adversario, não só pela convicção da doutrina e energia do argumento, como pela fôrma zombeteira e, por vezes, cruelmente sarcastica que dava á discussão.

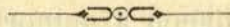
Camillo foi o ultimo astro que se eclipsou n'esse brillantissimo firmamento constellado por Garrett, Herculano e Castilho. N'elle se extinguiu o escriptor portuguez de raça, que, com a intransigencia idiomatica de Ferreira e Filinto, com a vernaculidade de phrase de Sousa e Vieira, foi o ultimo paladino da pureza da linguagem, o que mais se esforçou para

resguardar a lingua lusitana d'esse flagello do *estrangeirismo* que nada respeita e tudo adultera.

Não querendo, meu bom amigo, roubar mais espaço ao *Jornal dos Cegos*, eis o que se me offerece dizer, ainda que mal, de tres vultos tão distinctos pelo talento e saber, como por seus valiosos serviços, coroados por tão cruel fatalidade.

São exemplos frisantissimos de um labor que se não desmente e de uma dedicação que se não excede.

S/C. 20 de julho de 1897.—Seu amigo muito dedicado, *Damasceno Nunes*.



A SITUAÇÃO DOS CEGOS NA SOCIEDADE

Por J. Moldenhawer

Director do Instituto de Cegos de Copenhague

XII

Valor intellectual do cego

O cego tem a intelligencia tão viva como a do vidente; mas falta-lhe, para a cultura, os recursos que este tem á sua disposição.

Quando se pensa que os thesouros da litteratura lhe são quasi inacessiveis, explica-se facilmente a desvantagem em que está com relação ao vidente, para o seu desenvolvimento intellectual. Todavia encontra-se entre os cegos um grande numero de homens notaveis: Saunderson, Fawcett, etc, etc.

Muitos cegos occupam-se hoje de sciencias, especialmente os que teem uma vida desafogada. Ha um grande numero em Inglaterra e na America do Norte, que seguem os cursos das Universidades, que são doutores em medicina, professores de linguas, etc. Ha tambem cegos que, apesar de viverem do seu trabalho manual, occupam-se de sciencias nos seus momentos livres.

Um joven cesteiro, em Fyen, Dinamarca, offerece um exemplo. Emprega os seus ocios a resolver problemas de mathematica; um typhlophilo copiou-lhe em Braille uma tábua de logarithmos.

Fez mais tarde o exame de admissão na Escola Polytechnica, obteve a entrada gratuita nos cursos e o sustento gratuito no Instituto dos Cegos.

Mas a existencia d'estas intelligencias superiores entre os cegos não nos dá uma idéa exacta da situação do cego no mundo. Estes exemplos fazem-nos simplesmente comprehender que a grandeza da alma não depende das circumstancias exteriores, e que uma intelligencia rara sabe destruir os obstaculos que pareciam deter o seu desenvolvimento. Às vezes mesmo poderia dizer-se que os obstaculos servem até para incitar mais a energia moral d'aquelle que os encontra.

Eis ainda um exemplo, e dos mais frisantes, do que pôde fazer uma educação ardente, alliada a uma vontade energica. Uma das nossas antigas alumnas, completamente cega e de saude delicada, sentiu o desejo irresistivel de se dedicar ao allivio da humanidade enferma, de animar e de consolar os doentes, os pobres, os abandonados e de procurar converter os caracteres criminosos e perversos.

Lembrando-se que na capital teria occasiões de exercer o seu zêlo, deixou a sua familia e veiu estabelecer-se em Copenhague, para casa de uma prima pobre. Ella tinha para viver só o producto do seu trabalho e uma pequena pensão concedida pela communa. Todos os seus momentos de ocio eram consagrados á Missão na patria (*Home mission*).

Novos decretos correccionaes impediram que ella satisfizesse o seu desejo de visitar as mulheres presas, e aproveitou a occasião que lhe foi offerecida de ser professora em uma escola dominical. No fim de alguns annos foi escolhida para directora d'esta escola; a sua influencia teve excellentes resultados não só no comportamento de suas alumnas, como tambem no das suas familias. Graças ás suas relações conseguiu obter para as suas discipulasinhas pobres uma casa no campo durante as ferias grandes, e quando lhes faltava vestuario, ella sabia obter-lh'o.

Todos os annos, pelo Natal, reúne as creanças, suas familias e todas as pessoas de suas relações. Ella proporciona-lhes uma festa, com arvore de Natal, os pequenos presentes para as creanças são-lhe offerecidos pelas suas antigas alumnas e pelas suas amigas. São servidos refrescos, chá, bolos, fazem-se discursos, canta-se, etc. É a cega que dirige tudo. Tem feito muito bem, indo de casa em casa, guiada por uma creança, a fim de convidar as familias de suas relações a assistirem a reuniões piedosas.

Uma boa profissão para a mulher cega é o ensino das creanças cegas, antes da sua entrada no Instituto.

A machina de costura não tem sido experimentada até hoje senão como um passatempo util no seio da familia; mas, a julgar pelos resultados obtidos, nada se oppõe a que se dê maior desenvolvimento a este genero de trabalho. O fabrico de escovas é exercido com exito, por muitas mulheres cegas.

Resumo

Lançando um ultimo olhar sobre a situação do cego no mundo, não se pôde negar que ella não seja precaria, por causa do numero restricto de profissões lucrativas que estão ao seu alcance; comtudo, se se fizer bom uso das que existem, é ainda possivel dar a todos os cegos validos o meio de ganhar a vida, segundo as circumstancias e as suas aptidões.

É este o fim que devemos attingir, porque nada contribue tanto para a felicidade do cego, como a certeza de um trabalho constante, junto á lembrança de poder não só sustentar-se a si proprio, como a sua familia.

Não ha necessidade de demonstrar que a ociosidade é mais penosa para o cego do que para o vidente.

Quando um cego nos vem pedir soccorro, apparece-nos como um ser completamente aniquilado e incapaz de tudo. Se, por conselhos judiciosos, conseguimos fazer-lhe entrever a possibilidade de elle chegar a fazer alguma cousa, parece logo que recobra animo.

Quando o cego acha uma profissão e começa o trabalho, torna-se outro. D'estes dois males, a cegueira e a ociosidade inerte, que é resultado do primeiro mal, ainda assim este é mais penoso do que o segundo.

A todas as pessoas que desejem o bem dos cegos, dirijo esta supplica: *Dae trabalho ao cego*: que elle tenha a idéa que o seu trabalho é apreciado pelo mesmo valor que o do vidente.

Pensae que os productos, até os mais insignificantes, de um trabalho serio são dignos de serem repetidos, porque o operario, *cego, ou não*, por mais humilde que seja, tem sempre o direito de ser contado entre os membros uteis da sociedade.

J. MOLDENHAWER,

Director do Instituto de Cegos de Copenhague.

OS CEGOS

Pelo cego M. de la Sizeranne

(EXTRACTOS)

ESCOLAS DE CEGOS

III

Ensino profissional—Musica

É bello sem duvida saber orthographia, arithmetica, geometria. O mechanismo dos verbos, a extracção de raizes cubicas, a theoria do quadrado da hypotenusa tem para o espirito encantos incontestaveis e para o coração, diz-se, uma singular virtude moralisadora. Infelizmente os progressos realisados até hoje não teem tornado estes uteis conhecimentos tão substanciaes para o estomago, como para o cerebro. A elevação social do cego pobre não póde ser realisada senão com a condição de se lhe dar um ensino profissional completo.

Ha de ser operario, ou ha de ser musico? Tal é a primeira questão que tem de resolver-se quando um cego entra para a escola.

Esta questão é capital: o melhor operario cego, a não ser que elle possa ter um pequeno negocio alem da sua industria, não póde nunca pelo seu trabalho ganhar mais do que para comer pão secco.

O musico, pelo contrario, póde, vivendo em meio propicio, e tendo talento e ordem, vir a sair da mediocridade pecuniaria.

O *neophito* é, pois, submettido a uma minuciosa inspecção.

Examina-se a conformação das mãos, faz-se-lhe cantar a canção que elle souber melhor, para ver se tem sentimento da entonação e do rythmo; emfim, por numerosas perguntas, trata-se de penetrar em a natureza do seu espirito.

Se o professor experimentado, encarregado d'esta inquirição, o julga apto, a creança é inscripta nas aulas de ensaio de solfejo e de piano, onde todos os dias as suas faculdades musicaes são cultivadas com cuidado. Apesar das profissões ministradas pela musica serem até hoje as mais van-

tajosas para o cego, não se deve teimar em fazer musicos de todos os cegos; e nas escolas bem organisadas fazem-se frequentes exames a fim de se reconhecer com rigor quaes são os alumnos refractarios á arte; estes dedicam-se exclusivamente ao apprendizado de um officio manual.

Para ser verdadeiramente util, é necessario que o ensino musical ensinado aos cegos seja muito serio.

Não se trata, com effeito, de metamorphosear essas creanças em caixas de musica, que executem uma aria aprendida de côr; não, esse resultado, que só serviria para fazer a admiração do curioso ingenuo que visitasse a escola, não tem nenhuma utilidade pratica para o futuro. Trata-se de formar musicos e musicos tão conhecedores da theoria, como da pratica da sua arte. É por isso que não nos limitâmos a acostumar os dedos da creança cega ao mecanismo do piano, do orgão, do violão, da flauta, do oboé; submete-se com a mesma insistencia o seu espirito e o seu ouvido á benefica gymnastica do solfejo e da harmonia, que os conduz á composição vocal e instrumental.

O que permite agora aos cegos poderem fazer estudos musicaes extensos, uteis para a sua carreira, é a excellente musicographia de que Braille os dotou. Os 63 signaes que resultam da combinação dos 6 pontos $\begin{pmatrix} \cdot & \cdot \\ \cdot & \cdot \\ \cdot & \cdot \end{pmatrix}$ bastam para escrever de modo claro e rapido toda a especie de musica, desde a mais simples *romanza* de Rossini, até ás mais complicadas symphonias da escola wagneriana.

As notas da musicographia Braille indicam a sua propria entonação, assim como a sua duração. Todos os signaes se succedem em uma só linha horisontal. Esta disposição é favoravel para uma rapida leitura tactil, visto que o dedo não tem que se deslocar de cima para baixo, ou de baixo para cima, mas segue sempre uma mesma direcção da esquerda para a direita. Tem ainda a vantagem de occupar proximamente metade menos de espaço do que a musica ordinaria.

A bibliographia dos musicos cegos é já consideravel; tem não só a musica impressa para seu uso em diversos paizes, mas a que foi escripta á mão, por um grande numero de copistas especiaes.

(Continúa)